

Informação Contra o Terror

Álvaro de Vasconcelos

O terrorismo, tal como o nome indica, tem o fito de infundir terror, através de actos cujos alvos, indiscriminados, são habitualmente civis. Em regra, bastam poucas vítimas para que a arbitrariedade inerente crie a noção de que todos são vítimas em potência – e assim alastra o terror. Dada a brutal dimensão do crime de Nova York e Washington, contrariar o pavor era muito difícil, na América e noutros países ocidentais. Para limitar os efeitos propriamente aterrorizadores, era necessário definir de forma precisa a natureza da ameaça terrorista que atingiu a América e tentar avaliar com igual precisão o impacto previsível noutras paragens.

A exploração securitária e sensacionalista do 11 de Setembro faz o jogo do terrorismo ao ampliar o efeito dos seus actos, alimentando o pavor colectivo que Bin Laden e a sua rede querem criar. A única forma de combater o medo irracional é a informação e o conhecimento. Se não vejamos como se espalha o medo: Confunde-se a rede de Bin Laden com o mundo islâmico e defende-se assim o apocalíptico choque das civilizações, o que leva muitos a ver em todo o cidadão de religião ou aparência islâmica um potencial inimigo.

Confunde-se o terrorismo internacional versão Al Qaeda com todos os grupos políticos islamistas, praticantes ou não da violência, dando corpo à ideia de um inimigo avassalador, de Marrocos à Indonésia, passando por muitas capitais e cidades europeias.

Anuncia-se um combate para erradicar definitivamente todo o tipo de terrorismo sem fixar um objectivo preciso, como manda a boa doutrina da intervenção militar, dando a esta um sabor de missão impossível que gera um sentimento de impotência.

Perdeu-se por completo o sentido das proporções e em muitos países se fez dos falsos alarmes de propagação de antraz a arma que faltava para dar verosimilhança à guerra contra cada um de nós, ocidentais. Assim se espalha o terror sem acto terrorista, lembrando a frase célebre do Citizen Kane que diz ao jornalista que de Cuba se lamenta não ter guerra para relatar: faça a reportagem que de fazer a guerra me encarrego eu!

Se juntarmos todos estes ingredientes numa mistura indistinta, o que obtemos? Uma guerra que usa como armas todas as formas de terrorismo, lançada por todos os grupos políticos islamistas, apoiados pela massa da população dos países ditos muçulmanos, contra todo o Ocidente, que durará uma década se não mais. E porque de guerra se trata, ambas as partes usarão meios militares ou de terror semelhantes aos que dizimaram milhares de cidadãos americanos. Porque a guerra é global e o inimigo tão numeroso e com tantas quintas-colunas, cada cidadão é visado e tem todos os motivos para se apavorar.

A realidade, felizmente, proporciona uma visão menos apocalíptica e uma melhor noção dos riscos actuais e de como os enfrentar: os terroristas que atacaram a América não representam uma religião e menos ainda o conjunto de países em que ela é maioritária, nem o islamismo político, mesmo nas suas formas violentas, que na maioria dos casos tem uma agenda nacional. Não existe uma «internacional islâmica» de que Bin Laden seja o líder. Trata-se de um pequeno mas mortífero grupo que encontrou santuário no Afeganistão dos Talibã. Todos os casos conhecidos de propagação criminosa do antraz, pouco numerosos, deram-se até hoje todos nos Estados Unidos. As comunidades muçulmanas na Europa e nos Estados Unidos condenam vigorosamente o terrorismo. Não se trata de choque de civilizações mas de livrar o mundo de um grupo terrorista totalitário com uma ideologia fascista.

Tendo a realidade em mente, muda o enunciado dos objectivos a cumprir: desmantelar a rede terrorista de Bin Laden, em que os especialistas atribuem à Al Qaeda e à Jihad Islâmica um papel central; impedir que o regime no poder no Afeganistão continue a dar-lhe guarida; secar-lhe as fontes de financiamento, e negar-lhe a possibilidade de recurso ao sistema financeiro internacional. Este combate é suficientemente difícil e necessita de uma grande soma de engenho político e diplomático, além de uma componente militar eficaz, para ser bem sucedido. Do que não precisa é de ser contrariado pelo toldar da realidade que, como atrás se disse, apenas tem por efeito potenciar o pânico que o terrorismo pretende instalar no seio das sociedades.